



Jornal de



CASTANHEIRA DE PÊRA

MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE

FREGUESIAS
DE CASTANHEIRA DE PÊRA
E COENTRAL

Director: HERLÂNDER MACHADO

Director-adjunto: ANTÓNIO JOSÉ DE MATOS

Administrador: BELARMINO H. CORREIA

Chefe de Redacção: NIQUELINO FERNANDES

Administração e Redacção: Valinho — Castanheira de Pera

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

EDITORIAL

HOMENS, SEDE HOMENS...

Hoje, antepõe-se ao internacionalismo da Igreja — reflectido na própria palavra *Católica*, que significa universal — o internacionalismo marxista. Subestima-se a religião, mas aproveita-se o seu internacionalismo, embora sacrificando o espírito à exaltação da matéria.

O capitalismo não é incompatível com o internacionalismo, tal como o socialismo o não será relativamente ao nacionalismo. Nem um nem outro criaram essas concepções. Poderão, isso sim, servi-las por modos diferentes.

E, como se sabe, o comunismo pode conduzir ao capitalismo de Estado, tal como o capitalismo pode encontrar fórmulas de protecção e de dignificação das massas de trabalhadores.

Para além das opções, que apenas se nos afiguram como escolha de caminhos mais propícios à pretendida felicidade dos homens, há que ter em conta aspectos falaciosos e considerar se tinha razão Nicolau Maquiavel (1469-1527) quando entendia que *os fins justificariam os meios*.

No fim, o que conta é a felicidade dos homens e a sua plena realização, pressuposta a necessidade de preservação da sua dignidade.

Sendo esse o progresso mais desejável, recordaremos algumas palavras proferidas, em Fátima, pelo Papa Paulo VI, em 1967:

«Homens, dizemos neste momento singular, procurai ser dignos do dom divino da paz. Homens, sede homens. Homens, sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do mundo. Homens, sede magnânimos. Homens procurai ver o vosso prestígio e o vosso interesse não como contrários ao prestígio e ao interesse dos outros, mas como solidários com eles. Homens, não penseis em projectos de destruição e de morte, de revolução e de violência; pensai na gravidade e na grandeza desta hora, que pode ser decisiva para a história da geração presente e futura; e recomeçai a aproximar-vos uns dos outros com intenções de construir um mundo novo; sim, um mundo de homens verdadeiros, o qual é impossível de conseguir se não tem o sol de Deus no seu horizonte...»

Homens, sede homens!...

Que sistema, que ideologias, que técnicas, que crenças, que sentimentos e ideais nos poderão ajudar mais para a consecução da paz e da felicidade?

Que caminhos nos levarão à plena realização humana?

Cada certeza colhida, cada progresso registado na técnica e na ciência, é, afinal, gérmen de novas interrogações.

— Só sei que nada sei — afirmava Sócrates.

— Quod nihil scitur (que nada se sabe) — escreveu Francisco Sanches (1550-1623) muitos séculos depois.

— Quem sabe o que mais convém à Humanidade?

— Será o AMOR?

H. M.



A PROCISSÃO — Quadro de João Reis.

perspectivas

RELIGIÃO E FÉ CRISTÃ

ANTÓNIO MATOS

É comum verificar-se, em muita gente, uma confusão grande entre religião e fé cristã, termos que considera sinónimos e, por isso, pensa poderem usar-se indistintamente, um pelo outro, quando a realidade é bem diferente.

Com efeito, a fé cristã é não só uma especificação da religião, mas, sobretudo, é a expressão máxima e definitiva da religião, apesar de todos os possíveis desvios que lhe desfigurem o rosto.

Esquecer isto é não ter presente um dado fundamental da fé cristã e, talvez por isso, seja tão frequente a confusão entre esta e a religião, no seu sentido mais genérico.

Tal confusão não teria importância de maior se não levasse a atitudes vivenciais bem diferentes. Na verdade, em virtude de razões de vária ordem, e bem conhecidas, sempre que, em meios como os nossos, pessoas religiosas ou que como tais se consideram, desejam exprimir a sua religiosidade, fazem-no, ou tentam fazê-lo, em formas de expressão cristãs, através de actos de culto cristão. Isto provoca uma confusão grave, na medida em que, sempre ou quase sempre, tais pessoas esvaziam esses actos do seu conteúdo genuíno, ou adulteram-no, gravemente, por um lado, enquanto, por outro, não parecem sentir minimamente a exigência de compromisso pessoal que uma pessoa verdadeiramente religiosa não poderá deixar de experimentar.

Como consequência, depura-se-nos uma aparência de

testemunho cristão que leva muitas pessoas, porventura menos atentas, a considerá-lo genuíno e a tirar daí conclusões falseadas, com tudo o que isso implica. Mas um outro inconveniente, talvez ainda maior, é o de tais pessoas se considerarem cristãs, não obstante a total ausência de qualquer forma de compromisso com a comunidade cristã. E, como se isto não bastasse, põem-se até muitas vezes ostensivamente de fora, mas sem deixar de reclamar os serviços da comunidade em circunstâncias meramente ocasionais, como os funerais, os casamentos e os baptizados. A incongruência de tais atitudes não passa despercebida a ninguém que as observe e reflecta.

Depois, quando essas pessoas, que confundem religião com fé cristã, aparecem nas referidas circunstâncias ocasionais, fazem-no com atitudes e maneiras muitas vezes impróprias e sem qualquer espécie de receptividade, a tudo o que não seja exclusivamente aquilo que pretendem e que se julgam até com direito de exigir quando, em termos de direito, não têm direito literalmente a coisa alguma.

Efectivamente, que direito poderá ter a exigir, seja o que for, da comunidade cristã, uma pessoa que sempre se colocou fora dela, que sempre negou colaboração, quando lhe foi pedida, que durante largos anos seguidos nunca quis participar nas celebrações religiosas preferindo ficar fora dos templos à espera que as "coisas" acabem?

E nos casos em que tal gente não tem a educação necessária, então actua e fala de forma inteiramente imprópria, não querendo ou não sendo capaz de entender qualquer tipo de explicação que vise colocá-la mais dentro dum mundo em relação ao qual quase tudo ignora, não obstante julgar-se muito bem informada.

Este erro de avaliação leva, frequentemente tais pes-

Cont. na pág. 5

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

Mensário Regionalista Independente

Publica-se no último dia de cada mês

Sede, Redacção e Administração
VALINHO APARTADO 13 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

Director — Herlânder Machado
Director-Adjunto — António José de Matos
Chefe de Redacção — Niquelino Fernandes
Sub-Chefe de Redacção — Amadeu de Almeida Joaquim
Administrador — Belarmino Henriques Correia
Chefe de Publicidade — Jorge Pimentel Ladeira

Colaboradores:
António Alves
António de Jesus Ramos
Gualter Alves dos Santos
Joaquim Cardoso Duarte
José Manuel Bernardo
José Manuel Machado Fernandes
Manuel José
Nogueira da Costa
Manuel Simões Coelho (Castelo)
Zilda Candeias Varandas

DELEGAÇÃO EM LISBOA
R. Palma 163.1 Esq.
1100 LISBOA

Jornal de Castanheira de Pêra conta também com a colaboração especial do escritor Nuno Bermudes e dos Artistas Plásticos:

Estanislau Inocêncio
Fernando Camarinha
João Clímaco Soares de Abreu
José Pádua

Correspondentes:

Camelo — Jorge das Neves Bernardo
Carregal — Albino Nunes
Coentral — José Alves Barata
Fontão — Porfírio Cepas
Gestosa Cimeira — Aníbal Tavares
Moita — Rui Santos
Palheira — Adelino Marques
Pêra — Pompílio Antunes
Sapateira — Gualter Fernandes
Sarzedas — Arlindo Silva
Troviscal — Isaltino Conceição
Vilar — Aires Henriques Estevão

Propriedade — Herlânder Alves Machado

Composição e Impressão:
NOVELGRÁFICA, LDA
Rua Capitão Salomão
Telef. 25299 — 3500 VISEU

A FAMÍLIA E A ESCOLA

A CRIANÇA E A TELEVISÃO

GUALTER ALVES DOS SANTOS

Ultimamente a televisão é, sem dúvida, o meio de comunicação social que mais atrai a atenção das crianças e dos adultos.

Basta premir um único botão e logo um turbilhão de imagens e sons invade as nossas casas.

Qualquer acontecimento passado em qualquer parte do mundo, hoje pode ser visto por quem se encontra a milhares de quilómetros de distância quase da mesma forma de quem o presenciou «in loco» graças a esse meio de comunicação que é a televisão.

De facto, o avanço da ciência e da técnica pode conseguir coisas maravilhosas, porém, como quase tudo há um reverso da medalha.

Pode suceder também ser um excelente meio de desinformação, de fomento à vio-

lência, ao vício e à criminalidade.

Tudo está no modo como se utiliza e nos objectivos em vista.

A criança até aos três anos assiste à televisão sem compreender grande parte do que vê e sem sentido crítico.

Encontra-se numa fase de uma inteligência totalmente prática que incide na manipulação dos objectos, utiliza em vez das palavras e dos conceitos as percepções e os movimentos organizados em «esquemas de acção» como lhe chama Jean Piaget.

A partir desta idade começa a saber seleccionar os seus programas preferidos, naturalmente aqueles que se destinam ao público infantil.

A sua imaginação é criadora, fantasiosa e do raciocínio lógico.

São os filmes de aventu-

ras, as histórias de fantasia, os desenhos animados, desinteressa-se por qualquer programa sério.

As crianças nestas idades identificam-se com os heróis da história fazendo um mundo à medida da sua imaginação.

Pelos onze, doze anos, a criança fica quase numa situação de dependência em relação à T.V..

Chega-se a falar mesmo num «vício» pela televisão.

Com a chegada da adolescência perde esse seu grande interesse pelos programas televisivos e orienta a sua atenção para as exigências sociais do seu grupo que requerem um novo tipo de divertimento.

Ora um importante problema frequentemente debatido pelos pais e professores é o tipo e qualidade de programas indicados para as

crianças.

Pois é necessário que as crianças não vejam televisão indiscriminadamente.

Uma criança instável e neurótica, por exemplo, pode assumir o papel de interprete numa cena violenta motivada pelas percepções emocionais que recebeu da televisão.

Importa que os pais seleccionem os programas para os seus filhos verem e tornem-se imperioso que os responsáveis pela programação da T.V. escolham programas com qualidade educativa e cultural.

O que infelizmente nem sempre acontece, sendo as nossas crianças vistas só enquanto consumidoras de brinquedos e de outros produtos «metralhando-as» com publicidade por vezes pouco ou nada escrupulosa.

Jornal
de CASTANHEIRA DE PÊRA

Publicados 10 números — liquidados elevados encargos.
Pede aos seus assinantes a liquidação das assinaturas:

- Por cheque
- Por vale de correio
- Junto dos CORRESPONDENTES ou
- Directamente no Valinho — C. Pêra
- ou na Delegação em Lisboa.

ÚLTIMA HORA

O Rancho dos Neveiros do Coentral vai actuar na Televisão no Programa «Festa é Festa», às 15 horas do próximo dia 25 de Junho.



AMÍLCAR SANDINHA

Advogado

Arganil — Lousã

Telefs.
Escrit. 99 172
Resid. 99 436

As Sextas-feiras em Castanheira de Pêra
Telef. 44373

MÓVEIS COSTA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÉNERO DO CONCELHO E DA COMARCA

MOBILIÁRIO MODERNO E DE ESTILO ● ESTOFOS ● ALCATIFAS ● TELAS ● FRIGORÍFICOS ● T. V. ● MÁQUINAS DE LAVAR

ARMAZÉM N.º 1 - MOREDOS
SEDE E ARMAZÉM N.º 2
AVENIDA DE S. DOMINGOS (FRENTE AO HOSPITAL)

UM GERENTE
José da Silva Costa

TELEFONE 44152 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

Pinto & Brás, Lda.

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS

Máquinas para Terraplanagens
Fornecedores de Materiais de Construção

Telef. 92452

BARRACÃO — LEIRIA.

BELA LIÇÃO DE REGIONALISMO!

Por: António Alves Henriques

Dada pelo sr. Joaquim Alves, natural da Moita, que veio até nós comemorar o 25º aniversário da firma FRINEVE (Lisboa) de que é proprietário.

Jornada de convívio desportivo entre a «FRINEVE» e o «Sport Castanheira de Pera e Benfica» (futebol).

Valiosas ofertas para algumas substituições do nosso Concelho.

Num mundo cada vez mais cheio de traumas e pavores, onde cada um se tenta isolar e, no maior egocentrismo, pensar apenas em si, ainda há Homens que recordam a terra onde nasceram e sofreram as primeiras vicissitudes da vida! Alguns, poucos, possuem ainda aquele bom coração que os faz, lá longe, nas grandes urbes como Lisboa, sentir o pulsar vivo da terra onde um dia nasceram, recordar aqueles que por cá ainda continuam a labutar, tentando tirar da terra estéril o escasso proveito, muitas vezes insuficiente para um nível de vida aceitável.

Na passada SEXTA-FEIRA SANTA, 1 de Abril, o sr. Joaquim Alves, mais uma vez achou por bem vir à sua terra natal, num louvável acto de bairrismo, trazer na companhia dos seus colaboradores na firma FRINEVE, tanto a sã camaradagem, o convívio, o desporto, como prova da sua generosidade, expressa nas valiosíssimas ofertas que fez a diversas instituições do nosso concelho.

Assim se prova o valor de um CASTANHEIRENSE íntegro, que sabe conviver com aqueles com quem privou em pequeno e também oferecer a quem fazem falta, alguns dos bens materiais que Deus achou por bem ajudá-lo a conseguir.

Efectivamente o dia 1 de Abril de 1983 foi dia grande para o concelho de Castanheira de Pêra. Pena foi que o tempo não ajudasse, pois a chuva e o frio resolveram marcar encontro connosco nesse dia.

Pelo facto, o almoço de convívio oferecido pelo sr. Joaquim Alves não pode, como estava previsto, realizar-se em sua casa, tendo a numerosa comitiva que se deslocou para o Centro Recreativo de Moita, que foi mesmo à justa para toda a gente!

Uma vez instalados à mesa, começou o sr. Alves por agradecer a presença de todos na comemoração do 25º Aniversário da sua firma. Logo de seguida, dando razão aos muitos que o afirmam e acreditam na sua generosidade, começou por oferecer 5 televisões a cores, écran de 67cm, todos com comando à distância, às seguintes instituições:

1º centro Recreativo da Moita, 2º Bombeiros Voluntários de Cast^a. de Pêra, 3º G.N.R. de Cast^a de Pêra, 4º Santa Casa de Misericórdia de Cast^a de Pêra (Asilo de Idosos), 5º Sport Castanheira de Pêra e Benfica (este para ser sorteado). Foi também oferecida uma placa ao sr. Presidente da Câmara Municipal de Castanheira de Pêra.

Durante a entrega das ofertas referiu-se ao edifício onde se encontra, antiga escola Primária (agora remodelada para albergar o Centro Recreativo de Moita) onde aprendeu as primeiras letras e a quem chamou de «minha Universidade».

Seguiram-se algumas palavras de agradecimento por parte dos contemplados, de entre os quais salientamos as do sr. Cussino Coutinho, actual Comandante do Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Castanheira de Pêra que no final da sua intervenção falou nestes termos: — «Deus queira que o sr. Alves continue por muitos anos a dar aos Bombeiros, mas que nunca venha a precisar dos Bombeiros. Muito obrigado!».

Seguramente que são estes os votos de todos os presentes, representantes de todos — como o senhor Alves teve ocasião de as apelar — «as forças vivas do concelho», entre as quais destacamos: todo o elenco da Câmara Municipal, representantes dos Bombeiros Voluntários, Serviços de Saúde, membros da Direcção e atletas do Sport de Castanheira de Pêra e Benfica (um dos motivos de deslocação de toda a FRINEVE foi mais um convívio desportivo com o Sport C.P. e Benfica, mais tarde realizado no «Campo de Jogos Dr. José Fernandes de Carvalho», em Cast^a de Pêra), Presidente da Junta de Freguesia, representantes da Santa Casa da Misericórdia de C. Pera, presidente e alguns membros (deputados) da Assembleia Municipal, assim como muitos amigos do sr. Alves, de Moita e um pouco de todo o concelho, e não só!

Após o almoço, que foi excelentemente servido e regado com o belo «morangueiro» da adega, na Moita, do Sr. Joaquim Alves, durante o qual reinou a alegria e a camaradagem e onde foi especialmente notada a grande representatividade da juventude, nas pessoas dos atletas de ambas as equipas de futebol, e não só!

Inicialmente aprazado para as 16 horas, o jogo de futebol entre as turmas, só veio a iniciar-se pouco depois das 17 horas, já em Cast^a de Pêra, claro, para onde os escassos 6 kms. de viagem foram uma festa desde a alegria reinante na numerosa caravana, pois foi resolvido dar à rapaziada um pouco de descanso, para fazerem uma digestão conveniente após tão abundante almocarada.

Cont. na pág. 6

NOTÍCIA

Castanheirense

SAPATEIRA

CASAMENTO

Realizou-se em Lisboa, no passado dia 8 de Janeiro, o casamento do Sr. Rogério Paulo do Sacramento Delgado, residente na Rua Morais Soares, naquela cidade, filho de Maria Argentina Henriques do Sacramento Delgado e de José Mendes Delgado já falecido, com a menina

Maria da Graça da S. Fernandes, filha de G. ter dos Santos Fernandes e da Sr^a. D. Gracinda Santos Silva, residente Sapateira. O acto religioso celebrou-se na Igreja de João Evangelista. Após a cerimónia, foi servido esmerado banquete na Pastelaria Vitória, no l. D. Estefânia.

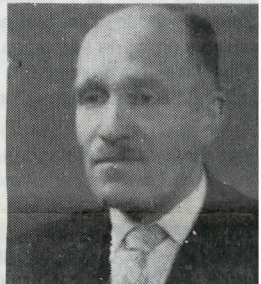
Os noivos ficaram a sidir em Lisboa.

FRANQUELIM COSTA

ESTEVE NO CENTRO RECREATIVO UNIÃO SAPATEIRENSE

No passado dia 13 de Abril, esteve nesta colectividade, em visita particular, o Vice-Presidente da mesa da Assembleia-Geral da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, de Lisboa, o qual fez entrega de um galhardete come-

morativo do aniversário daquela colectividade. A Direcção do Centro Recreativo União Sapateirens



seus associados agradecem a gentileza e o carinho que o sr. Franquelim Costa lhes dispensa bem como as palavras que lhes dirigiu que muito sensibilizou.

CENTRO RECREATIVO UNIÃO SAPATEIRENSE

No dia 7 de Maio realizou-se uma Assembleia-Geral dos sócios para eleger a direcção para o ano em curso e aprovação do relatório de contas de 1982.

Assim foi votada a única lista e por unanimidade eleita a Direcção constituída por:

ASSEMBLEIA-GERAL
 Presidente — Jorge Alfredo Carvalho David
 Vice-Presidente — Óscar de Jesus Tomás
 1º Secretário — Aurélio Joaquim Simões Tomás
 2º Secretário — Joaquim da Silva Lopes

DIRECÇÃO
 Presidente — Gualter dos Santos Fernandes
 Vice-Presidente — Carlos Mendes dos Santos
 1º Secretário — Arnaldo Rodrigues Mendes dos Santos
 Tesoureiro — Humberto Alves dos Santos
 1º Vogal — Fernando Antão Martins
 2º Vogal — Teodoro Carvalho Gonçalves

SUPLENTES
 2º Secretário — Abílio José Henriques Antunes
 2º Tesoureiro — Anibal Alves Lopes
 1º Vogal — Jorge Manuel Tomás da Silva
 2º Vogal — Baltazar da Silva Lopes

CONSELHO FISCAL
 Presidente — Artur José Simões
 Vice-Presidente — João da Silva Lopes
 Vogal — Abílio Antunes
 Relator — Manuel Tomás da Silva

AGRADECIMENTO

Maria da Encarnação Henriques de Campos

Seus irmãos e restante família, na impossibilidade de o poderem fazer directamente como seria o seu desejo vêm por este meio,

agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a tão saudosa extinta à sua última morada, ou que de qualquer outro modo

lhes manifestaram a sua amizade, e o seu pesar.
 Mega de S. Domingos — Alvares, Abril de 1983

COENTRAL DAS BARREIRAS

FALECIMENTO

DIAMANTINO ALVES

No passado dia 15 faleceu

neste lugar, com 84 anos de idade, o sr. Diamantino Alves, casado com a sra. D. Palmira da Piedade e pai dos srs. Manuel Alves, José Alves, Victor Alves,

D. Sofia Alves António e D. Manuela Alves Ventura, todos residentes nos Estados Unidos. Apresentamos à família enlutada sentidos pêsames.

NÃO VÁ, TELEFONE...

Este, era o estribilho usado noutros tempos, que dada a eficácia de tais serviços, recordamos com saudade.

Com o decorrer do tempo a tecnologia das telecomunicações evoluiu bastante.

O estribilho passou a chamar-se slovan e agora diz assim.

Vá não telefone...

Telefonar hoje em dia torna-se anti-económico tanto em tempo como em dinheiro (só em dinheiro porque o tempo também o é).

Além das pessoas terem que pagar mais chamadas do que se fazem (ou melhor não fazem) é bastante provável que tenham que consultar um psiquiatra, logo se torna bastante dispendioso.

Por tanto parecidos de não hesitar, VÁ, NÃO TELEFONE...

MOITA

Realizou-se no Centro Recreativo da Moita, no passado dia 1 de Abril, um almoço comemorativo do 25º aniversário da Frineve. Estiveram presentes as mais altas individualidades do Concelho, entre as quais o Presidente da Câmara.

No mesmo almoço, foi feita a entrega pelo Sr. Joaquim Alves, proprietário da Frineve, de 4 televisores a cores com telemando; estes mesmos televisores foram oferecidos às seguintes entidades:

- Hospital dos Idosos (Asilo)
- Posto da Guarda Nacional Republicana
- Bombeiros Voluntários e
- Centro Recreativo da Moita.

RALLYE DE PORTUGAL VINHO DO PORTO 1983

Texto de Luís Tomás
com a colaboração especial de Fernando Teixeira e de Luís Barreiros
e José Manuel Henriques

Hannu Mikkola em Audi e Joaquim Santos no Escort Diabolique, foram os dois vencedores desta edição do Rally de Portugal. Se Mikkola foi o vencedor da prova, Santos cotou-se como o melhor dos Portugueses com o 9º lugar da geral, depois de variadíssimos pocalços que o impediram de lutar com António Zanini pela 6ª posição, perfeitamente ao seu alcance. Mas vamos por partes:

1ª ETAPA
O domínio absoluto da Lancia nas sinuosas estradas asfaltadas de Sintra confirmavam as previsões gerais, quando no final desta as três primeiras posições pertenciam aquela comarca, sendo Rohrl o 1º Alen o 2º e Vudafieri o 3º Walter Rohrl dominou à sua maneira só não vencendo as 3 passagens pela Lagoa Azul, onde o Markku Alen se evidenciava. Na 1ª passagem igualou o record do troço, na 2ª baixou-o em 2 seg. exequo com Mikkola que aqui dava um ar da sua graça e na 3ª baixava-o novamente em 2 seg., gastando apenas 2m 14s nos 5 kms.

Por aqui se pode constatar o que foi o domínio da Lancia na 1ª Etapa, onde venceu todos os troços, o que interessava de sobremaneira à marca italiana, que queria chegar aos troços de terra com maior vantagem possível.

O primeiro carro não Lancia era o Audi de Mikkola que ocupava o 4º lugar a 1m09s. vindo Blonquist a seguir a 1m21s e o Renault 5 turbo de Therier ocupava a 6ª posição a 1m25s. Michele Mouton que ao perder ar de um pneu se atrazou um pouco estava a 2m.15s. O melhor português era José Pedro Borges na 8ª posição a 2m.50s., graças ao vivo andamento que imprimiu, mas António Rodrigues estava só a 5 seg. deste e Joaquim Santos ficava a 6 seg. de Borges, depois de ter tido o azar de partir atrás do brasileiro César Villela que, com um andamento bastante mais lento, era alcançado sistematicamente nos troços da Peninha e Sintra por Santos.

Os Nissan oficiais ocupavam os 11º e 16º lugares com Salonen e Terry Kabi respectivamente e Zanini era 12º à frente de Carlos Torres. Carlos Bica ocupava o 14º lugar a 4m.34s. do guia e Gomes Pereira que sentia dificuldades de adaptação ao novo R5 Turbo era 15º. Pêquêpê, no 18º lugar comandava o grupo A seguido de perto por António Borges; Oliveira Simões destacava-se no grupo 2 na 19ª posição e Manuel Mello Brayner comandava o grupo N ocupando o 35º lugar.

CLASSIFICAÇÃO APÓS A 1ª ETAPA
1º Walter Rohrl, Lancia, 37m 55s
2º Markku Alen, Lancia a 17s.
3º Adartico Vudafieri, Lancia, a 1m 06s
4º Hannu Mikkola, Audi, a 1m 09s
5º Stig Blonquist, Audi, a 1m. 21s
6º Jean-Luc Thérier, Renault, a 1m 25s
7º Michele Mouton, Audi, a 2m 15s
8º José Pedro Borges, Escort, a 2m. 50s
9º António Rodrigues, Opel, a 2m. 55s
10º Joaquim Santos, Escort, a 2m.56s

2ª ETAPA
Se a primeira parte da prova foi marcada pelo domínio da Lancia, esta etapa que ligou o Estoril à Póvoa do Varzim ficaria assinalada pela anulação de três dos cinco troços previstos, a verdade e devido a um conflito laboral na empresa Vidreira do Fontelo, a estrada foi cortada pelos trabalhadores desta firma, na Figueira da Foz, levando à anulação do troço previsto para se disputar nesta cidade, bem como os que se lhe seguiram, Préstimo e Vouga.

Em termos desportivos, se Walter Rohrl e Markku Alen fizeram o melhor tempo nos 13 kms de Montejuento batendo Bonquist por 1 seg., Michele Mouton por dois e Mikkola por seis, em S. Pedro de Moel aconteceu a única vitória de um Renault 5 turbo neste rali, com Jean-Luc Thérier a bater Mikkola por 1 seg. e Blonquist por dois.

Markku Alen vítima de um peão ficaria oito segundos mais atrás, fazendo Rohrl 1 seg. menos. Do elenco nacional e ainda antes de Montejuento registava-se o primeiro abandono significativo, o de José Pedro Borges, que com problemas de alternador o impediram de continuar a desenvolver a excelente prova até então. Joaquim Santos seria o melhor piloto nacional em ambos os troços seguido de um Carlos Torres mais feito ao andamento da competição. António Rodrigues seria outra vítima desta 2ª etapa com problemas de caixa de velocidades, que o obrigaram a abandonar. De referir igualmente que Francisco Romãozinho um piloto que habitualmente acaba as suas participações com bons resultados, se viu afastado com problemas de motor no seu Citroen Visa.

CLASSIFICAÇÃO APÓS A 2ª ETAPA
1º Walter Rohrl, Lancia, 48m. 23 seg.
2º Markku Alen, Lancia, a 18 seg.
3º Hannu Mikkola, Audi, a 1m. 09 seg.
4º Adartico Vudafieri, Lancia, a 1m. 14 seg.
5º Stig Blonquist, Audi, a 1m. 18 seg.
6º Jean-Luc Thérier, Renault, a 1m. 29 seg.
MELHOR PORTUGUÊS
8º Joaquim Santos, Escort, a 3m. 46 seg.
3ª ETAPA

O tão esperado domínio Audi materializou-se na vitória em oito das dez provas de classificação, tendo Michele Mouton feito o mesmo que Alen na 9ª classificativa. A única vitória da Lancia foi conseguida por este último, tendo os carros italianos perdido todo o avanço ganho nas duas primeiras etapas, não só devido a uma menor adaptação aos pisos de terra, mas também porque as experiências feitas ao nível de suspensões, com vista a uma melhoria de comportamento do carro, terem resultado negativamente.

Aqui começou a sobressair a ex-

celente capacidade do talentoso Stig Blonquist, que embora tenha vindo de uma ausência de 11 anos à nossa prova, se impôs a Mikkola, partindo para a etapa seguinte com 3 seg. de avanço sobre este, vindo Alen na 3ª posição, enquanto Michele Mouton depois de uma recuperação espectacular ocupava já a 4ª posição.

Joaquim Santos continuava a impôr o Escort entre os pilotos nacionais, assegurando um excelente nono lugar mantendo interessante luta com o ex-campeão europeu António Zanini e Terry Caby, piloto oficial da Nissan. Carlos Torres era ainda o segundo melhor português, seguido de Santinho Mendes e do jovem Carlos Bica a andar excelentemente.

CLASSIFICAÇÃO APÓS A 3ª ETAPA
1º Stig Blonquist, Audi, 2h.44m.26s
2º Hannu Mikkola, Audi a 3s.
3º Markku Alen, Lancia, a 36s
4ª Michele Mouton, Audi, a 58s
5º Walter Rohrl, Lancia, 1m.21s
6º Adartico Vudafieri, Lancia, a 8m.09s
MELHOR PORTUGUÊS
9º Joaquim Santos, Escort, 13m. 26s

4ª ETAPA
Considerada como a etapa mais dura deste Rally, foi no desenrolar desta que se registou o abandono de Stig Blonquist, vítima de um despiste na Cabreira, que o obrigaria posteriormente, a ficar parado com o diferencial trazeiro inoperante, na Senhora da Graça, o que lhe acarretou um atrazo suficiente para a exclusão da prova, por excesso de penalização, muito embora o itinerário tenha sido cumprido até ao final da etapa em Viseu.

Hannu Mikkola passava assim para o comando do rally com 2m. 02 seg. de vantagem sobre um eficiente Walter Rohrl, o único a não ser vítima de qualquer furo na Senhora da Graça, talvez um pouco pelo seu calculismo habitual.

Por sua vez Michele Mouton embora tenha furado por duas vezes, naquela que foi a classificativa onde mais furos se registaram nos carros da frente, quedava-se pela 3ª posição com 3m. 23 seg. de atraso, à frente de Alen e Vudafieri. Joaquim Santos mantinha a posição de melhor português, lutando agora pela sétima posição com Wittmann e Kaby, apesar dos problemas suegidos com a caixa de velocidades. Carlos Torres era obrigado a desistir após Viseu com problemas na suspensão dianteira, mantendo Santinho Mandes e Carlos Bica as posições seguintes.



JOAQUIM SANTOS, melhor português, 9.º da geral, teve muitos problemas que o impediram de fazer melhor.

CLASSIFICAÇÃO APÓS A 4ª ETAPA
1º Hannu Mikkola, Audi, 5h. 11m. 36s
2º Walter Rohrl, Lancia, a 2m. 02s
3º Michele Mouton, Audi, a 3m. 23s
4º Markku Alen, Lancia, a 6m. 27s
5º Adartico Vudafieri, Lancia, a 16m. 58s
6º António Zanini, Talbot, a 24m.44s
MELHOR PORTUGUÊS
7º Joaquim Santos, Escort, a 27m. 44s

5ª ETAPA
Se a meio de Arganil, troço cujos 56,5 kms, feitos por 2 vezes se tornavam decisivos, Walter Rohrl chegou a ser o comandante, já que Hannu Mikkola furara, foi então a

disto, um semi-eixo partido na 2ª passagem pela Candora, obrigou um esforço por parte de Santos, Miguel Oliveira, que tiveram de empurrar o carro durante cerca de 1 km até ao controlo de chegada onde a reparação foi finalmente feita. Santinho Mendes seria outra das vítimas de Arganil, após longo voo de 60 metros, que o levou à desistência. Carlos Bica foi assim o 2º melhor piloto nacional seguido de Ferreira da Cunha, um piloto que considerado já com um especialista em acabar o nosso Rally.

Finalmente e no que respeita organização, mais uma vez César Torres e a sua equipa, constituiram excepção neste País desorganizado, montando e conduzindo um

O BIS DE MIKKOLA NA CONSAGRAÇÃO DE SANTOS DE OLIVEIRA E DA DIABOLIQUE

vez do piloto alemão ser vítima de igual problema, tendo chegado ao controlo com um pneu sem ar e com a sua vantagem perdida. Assim, Hannu Mikkola que após Arganil passou a dispor de cerca de 1 minuto de avanço sobre Mouton, entretanto ascendera à segunda posição por troça com Rohrl, limitou-se a controlar esta vantagem até ao Estoril.

Markku Alen e Vudafieri mantinham os seus 4º e 5º lugares enquanto Zanini se instalava definitivamente na 6ª posição.


Joaquim Santos perderia a luta com Wittmann e Kaby após um princípio de saída em Arganil e a recusa do carro em pegar de seguida. Só a ajuda do público permitiu ao melhor conjunto nacional continuar em prova, mas com o tempo perdido, Santos, teve que se contentar com o 9º lugar. Para além

prova que não deu margem para reparos!

Parabéns a essa equipa.
CLASSIFICAÇÃO FINAL
1º Hannu Mikkola, Arne Hertz, Audi, 7h 17m 24s
2º Michele Mouton, Fabrizia Poni — Audi, 7h. 18m. 19s
3º Walter Rohrl, Christian Geisendorfer — Lancia, 7h. 19m. 14s.
4º Markku Alen, Ilkka Kivimäki — Lancia 7h 24m 29s
5º Adartico Vudafieri, Manizio Prassinot — Lancia 7h. 41m 49s.
6º António Zanini, Victor Sobater — Talbot, 7h. 50m. 29s.
7º Franz Wittmann, Peter Diekmann — Audi, 7h.53m.56s
8º Terry Kaby, Rob Artur — Nissan, 7h. 54m. 08s
9º Joaquim Santos, Miguel Oliveira — Escort 8h. 16m. 38s
10º Georg Fisher, Michel Weinzierl — Mitsubishi — 8h. 29m. 52s

Journal de
CASTANHEIRA DE PÊRA
Vende-se no
RESTAURANTE SNACK-BAR
Chopp-Avenida
de António Henriques Costa
(Aberto das 8 às 2 H.)
Avenida de S. Domingos Telef. 44349
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

LEITARIA CASTANHEIRENSE, L. DA
CAFÉ-CHÁ-CHOCOLATE-CERVEJA AO COPO
Com estabelecimento de:
MERCERIAS-FAZENDAS-LOUÇAS-VIDROS
Telef. 44361
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA


CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
DEPÓSITOS À ORDEM:
(Contas Individuais: Simples ou Conjuntas)
Saldo Até 150 000\$00 4 %
No excedente 2 %
DEPÓSITOS A PRAZO:
De 30 até 90 dias 11 %
De 91 até 180 dias 15 %
De 181 até 365 dias 21,5 %
De 366 até 730 dias 23 %
(Quantias com limite mínimo de 5000\$00)
CRÉDITO:
Sector Público
Predial
Industrial
Agrícola


fábrica de meias e luvas
MANUEL ALVES BARATA, LDA.
TELEFONE 44402 — COENTRAL — 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA
UNIDADE INDUSTRIAL
FUNDADA
EM 1920

POVOS SERRANOS

QUE HORIZONTES?

NOBREZA REGIONALISTA

FERNANDO COSTA

A pouco mais de dois quilómetros de Arganil, seguindo pela estrada de Folques, encontra-se a povoação de Valbona, nas faldas da serra em cujo cume está implantado o Santuário do Monte Alto.

Nessa aldeia, ao que nos consta, surgiu a primeira, e como tal, mais antiga agremiação regionalista serrana: «Comissão de Melhoramentos de Valbona», ainda hoje assim denominada, fundada em 1907, provavelmente no mês de Setembro desse ano.

Anos depois outras aldeias, para tentarem remediar os seus problemas mais prementes, seguiram o mesmo exemplo, para, finalmente, em meados da década de vinte aparecerem as primeiras Casas Regionais.

No decénio seguinte, em concelhos a norte e nascente de Castanheira de Pera, a proliferação das «Comissões de Melhoramentos», embora com os mais variados títulos e com sede na capital, era uma constante no sentido de congregar boas-vontades, angariar fundos e mobilizar populações para finalidades comuns.

Com esta passagem do serrano do individualismo primário aos primeiros passos no sentido do colectivismo, fruto da inércia do poder político central, originou, finalmente, os naturais das mais variadas aldeias da zona serrana do distrito de Coimbra, concluírem isoladamente nada poderem fazer e unirem-se para tentar, se possível (infelizmente não o foi), ultrapassar o atraso de séculos dos seus pequenos aglomerados humanos.

Em 1930, nunca é demais o lembrar, vivia-se na Serra tal como na idade média. Para esta situação dramática dos povos a responsabilidade tem de se atribuir ao poder político desde a Monarquia absoluta ou liberal, à primeira República até, posteriormente, ao Estado Novo. Não

havia telefone nem telegrafo, os acessos às aldeias eram carreiros de cabras ou trilhos dos carros de bois, ou não havia escolas ou professores para as preencherem, as populações abasteciam-se de água em poços de rega ou «chafurdo», as ruas em terra eram lamaçais por todo o lado, durante o Inverno, como iluminação era utilizada a rudimentar candeeira alimentada com borras de azeite ou petróleo, assistência médica nula e a palavra higiene era desconhecida por imperar o analfabetismo.

Evidentemente que a alfabetização não convinha porque quanto mais atrasado for um povo mais fácil é de dominar, manipular, etc., pelo poder político. Esta uma das razões porque, ainda hoje, uns 23% da população portuguesa não sabe ler nem escrever e, se porventura, tal percentagem tem diminuído nestes últimos anos é mais derivado do aumento populacional e obitos que, propriamente, de iniciativas oficiais no sentido de alfabetizar os iletrados.

Igualmente esgotos ou fossas cépticas não se sabia o que eram: cada um na sua testada, da via pública, colocava uma «estruqueira» (assim se dizia corriqueiramente, embora correctamente fosse «estruqueira») com mato para onde, ao romper da aurora, se despejava o penico com fezes e urina. Assim o mato ia-se curtindo para adubar as terras de cultivo e, simultaneamente, atraindo o mosquedo e criando, fomentando e desenvolvendo focos de doença...

Claro que, apesar da não existência, tanto há cinquenta anos como no presente, de qualquer política de desenvolvimento regional, temos de reconhecer, apesar de tudo,

Certamente, não fora a nobreza, bairrismo, carolice, etc., dos regionalistas as condições de vida seriam, forçosamente, muito mais degradantes daquelas que, ainda hoje, encontramos.

No entanto, com essa data memorável e inesquecível que foi o 25 de Abril de 1974, devolvida aos portugueses, por direito próprio e não por favor dos políticos, a liberdade de expressão do pensamento e apesar de varios erros de percurso infelizmente normalíssimos, aqui e além, em períodos de ruptura entre o capital e o trabalho, surgiu uma Lei extraordinariamente positiva: a de Finanças Locais.

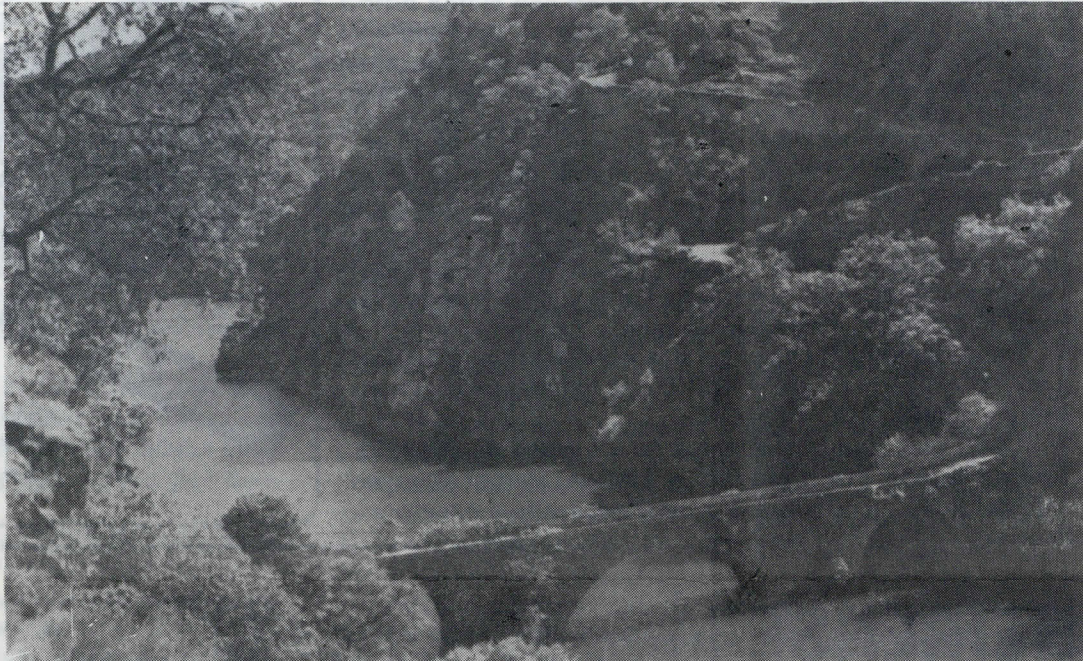
Com a autonomia económico-financeira dos Municípios, que antes as suas receitas não chegavam, nalguns casos, para custear as suas máquinas administrativas, passaram as Camaras, através do Orçamento Geral do Estado, a usufruir de verbas conside-

Por este facto, de extraordinária relevância para o futuro das populações serranas, dos melhoramentos ideal principal dos recursos e fundadores das centenas de agremiações regionalistas existentes na região, na sua esmagadora maioria sediadas em Lisboa, acreditamos na sua passagem à exploração, pesquisa e divulgação de outros sectores de interesse comunitário e mesmo regional.

Se assim não for, em face dos custos elevadíssimos das matérias primas e mão-de-obra e não tendo as agremiações qualquer viabilidade, ao contrário do passado que felizmente não voltará mais, de abrir estradas e as revestir a betuminoso, procederem ao abastecimento de água, construção beneficiação de escolas, pontes, electrificações, saneamento básico, assistência médica, etc., etc., o seu fim será a extinção lenta, é certo, mas também inglória.

Existem, evidentemente, para as «Comissões de Melhoramentos» várias hipóteses, alternativas diferentes e possíveis (de harmonia com os casos individuais e meio ambiente de cada aldeia ou freguesia) como manifestações de carácter cultural, divulgação das belezas locais e regionais, fomento do turismo de habitação e servirem de veículo de opinião e pressão junto do poder político quer ele seja local, regional ou central, para uma mais rápida evolução do interior do distrito de Coimbra.

Esses caminhos da evolução como todos o sabemos, nem são fáceis nem simples, por desmobilização e falta de valores humanos mas, apesar de tudo, as ideias (as aqui expressas ou outras) hão-de germinar e



que do atraso medieval em que então se encontravam as aldeias e mesmo vilas serranas deram-se passos bastante consideráveis nas décadas de cinquenta e sessenta, em que as agremiações regionalistas tiveram acção preponderante, e em particular depois de meados dos anos setenta mas, então, por factores mais preponderantes se não mesmo exaltantes.

Apesar disto, embora não existindo presentemente em nenhum sector o ideal e o atraso seja abissal em comparação com o litoral, muito pior seria se não fossem as «Comissões de Melhoramentos» e as Casas Regionais, cujas colectividades sempre, dentro das suas limitações e parâmetros, se debateram pelo engrandecimento das suas terras, região e progresso moral, cultural, material e social dos cidadãos que continavam agarrados ao rincão onde nasceram.

Tem, pois, de se prestar justiça a essas agremiações porque, apesar da sua exiguidade de recursos económicos e humanos, não só, denunciaram publicamente através da imprensa regional as carências latentes como, suas expensas, executaram muitas das necessidades mais primárias, para permitir uma vida mais humana.

ráveis, que lhes permite quando devidamente orientadas transformarem, a médio prazo, a face da serra e proporcionarem uma vida e condições mais dignas do homem serrano.

surgir novos projectos para o futuro da causa regionalista e das aldeias dispersas pelos vales, encostas e serras da nossa zona.

PERSPECTIVAS

Cont. da 1.ª pág.

soas a julgarem-se cristãos de excelente qualidade - quem as não ouviu já falar? - melhores que todos os outros, permitindo-se até, imagine-se, arvorarem-se em juizes de tudo e de todos, incluindo os bispos e o próprio papa, sempre que as suas instruções e ensinamentos não estejam de acordo com aquilo que lhes convém, ou julgam convir. Elas é que sabem, é que entendem, é que são a medida de todas as coisas, como diria o filósofo antigo.

É evidente que tanta presunção não pode ser levada a sério, nem é, apenas fazendo lembrar o sapateiro que vai além da chinela, ou o adágio popular recorda ser a ignorância muito atrevida.

EM 27 DE ABRIL DE 1983— FALECEU O CÓNEGO DR. MANUEL PALHO REDACTOR DE «O AMIGO DO POVO»



NOTAS BIOGRÁFICAS

Mons. Dr. Manuel Paulo nasceu em Eira Pedra no dia 4 de Setembro de 1924 e fez os seus estudos nos seminários diocesanos, pertencendo ao primeiro grupo de rapazes que, em 1936, inauguraram o Seminário da Figueira. Foi ordenado sacerdote no dia 16 de Abril de 1949.

Frequentou as Universidades Georgiana (Roma) e de Comilhas (Espanha) onde se licenciou em Teologia. Nomeado professor do Seminário em Outubro de 1950 ali leccionou durante trinta e três anos. Em Outubro de 1952 foi nomeado Secretário do Seminário e, em 1955, vice-reitor do mesmo. Com a nomeação de D. Manuel Trindade para Bispo de Aveiro, foi nomeado Reitor em 1962, cargo de que pediu a demissão, por motivos de saúde, em 1968.

Nomeado Camareiro Secreto de Sua Santidade Paulo VI em 1966. Mons. Manuel Paulo exerceu cargo de Secretário da Comissão Episcopal da Foz durante vários anos.

Desde 1971, ano da criação do Instituto Superior de Estudos Teológicos, em Coimbra, era professor de Eclesiologia, Latim, e Mistério de Cristo. Leccionou também a cadeira de Teologia no Instituto de Serviço Social.

Colaborou em vários jornais, especialmente no "Amigo do Povo" no "Correio de Coimbra" e na revista "Lumen". Publicou vários livros, destacando-se *Teologia do Trabalho* e *Ao Calor da Fogueira* (4 volumes), e traduziu para português várias obras católicas de grande valor apologético.

AGÊNCIA FUNERÁRIA

CHITAS

de
Aurora da Silva
Tomás
CHITAS

Telef. 44467
SARZEDAS DO VASCO-
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

PRAÇA VISCONDE DE CASTANHEIRA DE PÊRA

PROPRIETÁRIOS

TELEFONES

ANTÓNIO REDONDO DA COSTA	Praça — 44358 Res. — 44358-E
ANTÓNIO DA SILVA CAETANO	Praça — 44241 Res. —
ISALTINO DA CONCEIÇÃO	Praça — 44492 Res. — 44371
JOSÉ ALVES HENRIQUES EIRAS	Praça — 44241 Res. —
JOSÉ DAS NEVES BERNARDO	Praça — 44241 Res. —
MANUEL ALMEIDA NEVES	Praça — 44154 Res. — 44333
MANUEL SIMÕES	Praça — 44154 Res. — 44323

SERVIÇO PERMANENTE PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

Francisco António Lopes Ribeiro

Eng.º Técnico Civil (I. S. E. C.)

● EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÃO CIVIL

● EXECUÇÃO DE PROJECTOS: MORADIAS, BLOCOS HABITACIONAIS, REDES DE ÁGUAS E ESGOTOS, CÁLCULOS DE BETÃO ARMADO. ARRUAMENTOS.

● LEVANTAMENTOS TOPOGRÁFICOS: ELABORAÇÃO, MEDIÇÕES, MARCAÇÕES, PICTAGEM.

Largo Camilo Castelo Branco, 13, 1.º

Telef. 2 29 77

2400 LEIRIA

BELA LIÇÃO DE REGIONALISMO!

Conclusão da pág. 3

Neste «intermezzo» de cerca de 2 horas, entre a saída de Moita e o início do jogo de futebol, toda a gente vagueou um pouco pela vila de Cast^a de Pêra, todavia notando-se mais a abundancia de automóveis nas ruas do que os seus ocupantes que, devido à chuva, tiveram que «poisar» nos diversos cafés e snacks da vila. Mesmo assim, a chuva não impediu alguns dos nossos visitantes de conhecerem, e apreciarem a beleza latente do magnifico (que devido a uma certa degradação perceptível, se nota não estar no auge de magnificência que já lhe conhecemos) Jardim de C. Pêra, autêntico «Ex-Libris» e sala de visitas de nossa vila.

Cerca das 17 horas, como já dissemos, teve início o jogo de futebol, um dos pratos fortes do programa, que fez deslocar ao «Campo de Jogos Dr. José Fernandes Carvalho» numerosa assistência, apesar da chuva que teimava em aparecer, a espaços, para se ir embora por alguns minutos e depois voltar, e do frio que se fazia sentir.

Acerca do jogo, pouco há a dizer. Com um «pelado» em péssimo estado, os jogadores ainda «pesados», devido ao almoço, salvo um ou outro momentos (poucos!) mais emocionantes, ofereceram-nos uma partida monótona de «pontapé para a frente».

Além disso, quer pela técnica, quer pela tática dos jogadores, fica-nos a impressão-quase-certeza de que as sessões de treino de ambas as equipas, devem, regra geral, ser pouco concorridas!

Num jogo «amigável», em que não faltou o «caso» com o árbitro, a respectiva interrupção do jogo por largos minutos, os protestos e outras coisas que tais, ganhou o Sport C. Pêra e Benfica por 2-0, como podia ter perdido recordamos os primeiros 15 minutos da 2ª parte, o melhor período do jogo, na qual a FRINEVE construiu as

melhores jogadas de ataque do desafio e podia ter feito 2 ou 3 golos, só que a sorte foi madrastra aos homens de Lisboa).

No final de contas, o resultado, certo seria um empate mas, como futebol é futebol e «perder... nem a feijões» aceita-se perfeitamente o resultado, até porque a taça para o vencedor era igualzinha à dos vencidos, ambas oferta da Câmara Municipal de Cast^a de Pêra.

No final do desafio foi a romagem para a sede do Sport Castanheira de Pêra e Benfica onde nos esperava um abundante lanche, aberto a todos os convivas e onde se notou uma «sala» razoável. O repasto voltou a ser uma festa de camaradagem e amizade e no final, após breves palavras de agradecimento por parte do sr. Presidente da Direcção do Sport C.P. e Benfica em que, prometendo oportunidade ao Sr. Alves de «Vingar» os 2-0, terminou, desejando que o próximo convívio FRINEVE — SPORT se realizasse em Lisboa.

Foram depois oferecidos ao sr. Alves, pela pessoa do Sr. Presidente da Câmara Municipal de C. de Pêra, uma linda peça de cerâmica com o brasão de Vila de C. Pêra, assim como de um pergaminho, reprodução fiel do 1º Documento conhecido relativo a C. Pêra, datado de 15 de Novembro de 1502, no qual se afirma que o sr. Pero Alvarenga, da Mouta e outros, intercederam junto do Bispo de Coimbra para que fosse criada uma igreja na região desde a grande distância («duas léguas e tersso») entre a Castanheira (Ribeira de Pêra) e a sede do concelho e paróquia, Pedrógão Grande.

Seguidamente foi o apagar das velas e o provar do bolo do 25º Aniversário da FRINEVE que tinha escrito «Chantilly» «OBRIGADO FRINEVE».

Dado que alguns elementos da caravana de FRINEVE ainda nesse dia rumariam a Lisboa, começaram as despedidas, sendo unânime em todos nós a esperança

de que idêntico convívio se realize num futuro muito próximo.

Na antevéspera da festa da Páscoa de 1983, o sr. Joaquim Alves mais uma vez mostrou que ainda há Homens, ainda há bairristas e que a Honra de ser Castanheirense continua grande e pura onde quer que nos encontremos.



NOVA bateria
Tudor
selada
porque não
consome água

Tudor
SEM MANUTENÇÃO

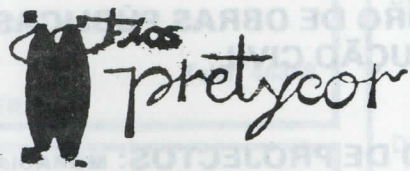
super-blindada
longa duração
2 anos garantia

FIANDEIRA CASTANHEIRENSE INDÚSTRIA TÊXTIL, LDA.

IMPORTAÇÃO ● EXPORTAÇÃO

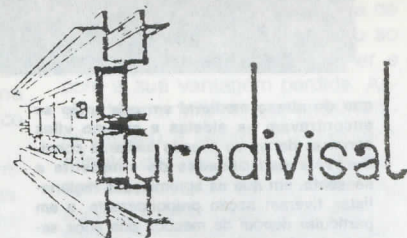
FÁBRICA DE PENTEÇÃO E FIAÇÃO DE LÃS E FIBRAS

EQUIPADA COM OS MAIS MODERNOS MAQUINISMOS

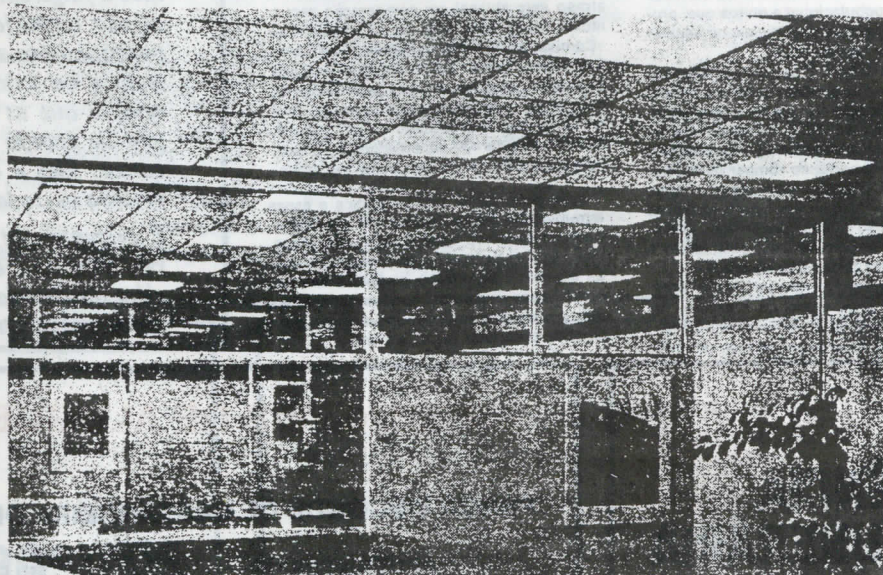


TELEFONES 4 41 01 e 4 44 79 ● TELEX 14686 FISCAL P

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA (PORTUGAL)



COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL E ALUMÍNIOS, LDA.



- DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS
- TECTOS FALSOS
- PAV. FALSOS
- BIOMBOS
- MARQUISES
- PORTAS DE FOLE
- REVESTIMENTOS

A TÉCNICA DO ALUMÍNIO NO MOMENTO EUROPEU
TRANSFORMAMOS ALUMÍNIO PARA QUALQUER
FINALIDADE E PARA TODOS OS PONTOS DO PAÍS

ESCRITÓRIO: RUA MAESTRO PEDRO FREITAS BRANCO, 23-25 TELEF. 66 92 65-60 91 30 1200 LISBOA
INST. FABR.: RUA CAMPO DE OURIQUE, N.º 75 — LOJA 14 TELEF. 65 76 69-68 73 95 1200 LISBOA

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

ACONTECEU NA RIBEIRA DE PÊRA

COENTRAL

O COENTRAL PEQUENO

— feliz designação popular que abrange o Coentral do Fojo e o Coentral das Barreiras

— vai dispôr de uma confortável CASA CONVÍVIO

Em salutar conjugação de esforços e afirmando generoso bairrismo, o povo daquela povoação tem assegurado o avanço das obras dessa casa comunitária, que se tornará prazenteiro ponto de reu-

nião para a Cultura e o Recreio.

Participando com trabalho e com dinheiro, os coentralenses estão erguendo mais um melhoramento para a sua terra.

Em UNIÃO, as obras nascem...

Entre os animosos promotores desta iniciativa há nomes a salientar. Por hoje, anotaremos alguns.

Mas voltaremos ao assunto, com mais pormenores.

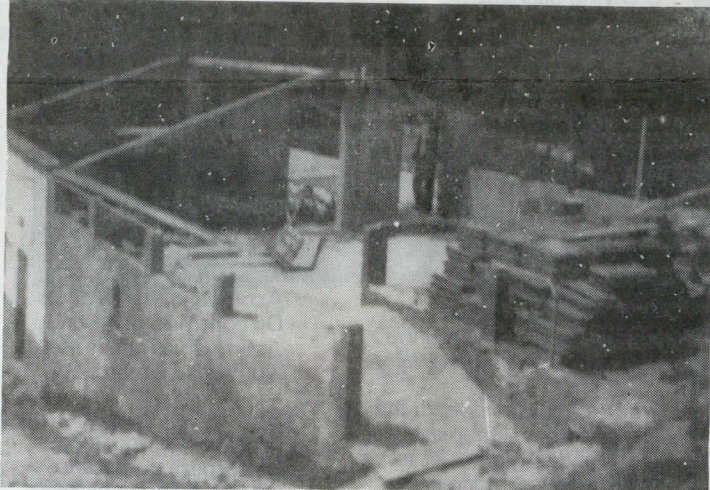
Eis os primeiros coentralenses que referimos nas colunas do nosso Jornal, cumprimentando-os pelo seu bairrismo sadio:

- Abílio Lopes da Costa
- José Oliveira
- Silvério Mendes
- António Rodrigues Tomás

OBRAS DE AMPLIAÇÃO DO CENTRO RECREATIVO E CULTURAL DO CAMELO



CAMELO — O "Centro" e as obras de ampliação.



NO LUGAR DO CAMELO

Foi ampliado o Largo de acesso à estrada. Agora, a camionet "carreira" pode passar do CARRIÇAL e dar a volta no Camelo.



O novo Largo do Camelo.



FRINEVE

ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS • DISCOS • GÁS MOBIL

LOJAS

<p>1</p> <p>R. CONDE DE REDONDO, 62 TEL. 56 11 47 (4 Linhas) 1100 LISBOA</p>	<p>2</p> <p>PRAÇA DO AREEIRO, 6 TELS. 88 33 11 - 80 39 34 1000 LISBOA</p>		
<p>3</p> <p><i>Centro Técnico</i></p> <table border="0"> <tr> <td>RUA ALMEIDA E SOUSA, 32 TELS. 65 62 71 - 65 64 96 1300 LISBOA</td> <td>R. CONDE REDONDO, 78-A TELS. 55 65 64 - 57 43 24 1100 LISBOA</td> </tr> </table>		RUA ALMEIDA E SOUSA, 32 TELS. 65 62 71 - 65 64 96 1300 LISBOA	R. CONDE REDONDO, 78-A TELS. 55 65 64 - 57 43 24 1100 LISBOA
RUA ALMEIDA E SOUSA, 32 TELS. 65 62 71 - 65 64 96 1300 LISBOA	R. CONDE REDONDO, 78-A TELS. 55 65 64 - 57 43 24 1100 LISBOA		

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA DELEGACÃO EM LISBOA R. Palma, 163-1 Esq. 1100 LISBOA

AUTOMÓVEIS

Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automóvel ou Forqunete a gasolina ou a gasoil?

CONSULTE

AUTO PONTE DE ARROIOS, LDA.
DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A
Telefones 401 85 e 538034
1100 LISBOA

Atelier

VOLTA DA ESTRADA

(Frente ao Posto de Gasolina SHELL)

CASTANHEIRA DE PÊRA



Residência
Av.ª S. Silvestre
Telefone 99405
LOUSÃ

REPORTAGENS DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS, etc.
com apresentação de provas a cores horas depois
REVELAMOS OS SEUS ROLOS A CORES EM 24 HORAS

LEIA O JORNAL DA SUA TERRA

VENDE-SE

- EM CASTANHEIRA DE PÊRA NO RESTAURANTE CHOPP-AVENIDA
- NO COENTRAL GRANDE NO BOTEQUIM DOS NEVEIROS
- EM LISBOA NA TABACARIA MÓNACO ROSSIO 21
- NA CASA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS Largo do Intendente, 45

DELEGACÃO EM LISBOA R. Palma, 163-1 Esq. 1100 LISBOA

LABORATÓRIO DE ANÁLISE CLÍNICAS

BIOQUILAB, LDA.

Dir. Técnica: ALDA BRANCO GAMA
Licenciada em Farmácia — Especialista

Em Castanheira de Pêra todos os dias às 9 horas na Rua João Bebiana

Telef. 4 22 86

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Indústria e Comércio de Madeiras

Telefone 036-4 54 95

SERRAÇÃO PEDROGUENSE, LDA.

Madeiras em Tosco, Aparelhadas, Tacos, Caixotaria
Lenhas e Materiais de construção
Agentes da CIMPOR, Cimentos de Portugal, EP

MÓ PEQUENA

3270 PEDRÓGÃO GRANDE

Paisagem do QUOTIDIANO

NUNO BERMUDEDES

(ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ PÁDUA)



«NHORA FESSORA» MAR O QUE É?

Conhecem, às vezes, três gerações. Uma ou duas gerações, pelo menos, saíram das suas mãos, depois de uma luta sem tréguas de pensamento contra barro, de ternura contra desconfiança, de compreensão contra rebeldia.

E os anos deslizam, entre o silêncio das aulas e o vendaval de gritos e de gestos das horas de recreio.

Pequenos seres que surgem, saltitando, no corredor sem fim das suas vidas.

Pequenos seres que amaram como filhos e que, subitamente, num adeus fugidivo, escaparam para nunca mais voltarem.

Assim mesmo.

Como se entre eles e os muros da escola nada mais houvesse senão um relógio e uma sineta.

E outros vêm, numa ilusória entrega de amor inteiro.

Perguntam: «Nhora fessora: mar o que é?»

E caem nos caminhos do mundo, alheios às lágrimas de angústia da «fessora» que, um dia, lhes disse o que era o mar....

Quem é?

Como se chama?

Donde veio e para onde irá amanhã?

Ninguém sabe.

Ninguém quer saber.

Professora primária não é gente de vulto, não tem lugar reservado nas notícias dos jornais.

O seu nome só aparece impresso duas vezes, quando a nomeiam, quando a reformam.

Ninguém se lembra — o tempo é tão ingrato! — da sua figura sumida, do seu olhar comprido de ternura, do seu combate sem fim-de-festa nem arco de triunfo.

Quando passa na rua, tranquilamente, a caminho da escola ou de regresso a casa, as vezes a gente ouve:

— Olhe! A D. Alzira, como está velha! Foi com ela que fiz a segunda classe!

De toda a sua luta, de toda a sua dedicação, de todo o seu amor, é o que lhe resta:

— D. Alzira está velha... D. Alzira está velha...

LEMBRADO O QUE DEVE SER LEMBRADO

Naquela madrugada, precavida, silenciosa,
— não se espera ver outra semelhante —
Que havia de ficar famosa,
Surgiram, de repente, as heróicas tensões,
Num grito frenético, uníssono,
A vibrar em todos os corações!
Das armas caladas, pendiam flores,
Das mãos dadas, cheias de esperança,
Apertava-se a ânsia interna,
De todos os olhos, caíam lágrimas por igual,
De todas as bocas se entoavam canções
Na doce língua natal!
Foi lindo, tudo o que aconteceu,
Criou, até, fama universal,
O modo como se deu!
Por isso:
Sempre aquela maravilha está em mim,
Não conheci, nunca, coisa assim!
Porém, nas nuvens do Céu, dum azul esquisito,
Quase irónico,
Parecia ver-se um sorriso sardónico!
Passaram Nove Anos

Dante — o mais genial poeta da Itália — considerava o número Nove de especial importância simbólica: Nove são os círculos dos infernos que surgiram como inversão dos nove céus!

Para os astéas existiam nove céus, que correspondiam às nove etapas que a alma teria de percorrer antes de alcançar a perfeição! Também eram nove os infernos e seus deuses. Nove é o princípio do fim.

Nove expressa o último número de uma série e a aparição de uma nova realidade, num plano superior correspondente à imagem de tudo o que aconteceu!

E o que aconteceu:

Na força que se ergueu, extraordinariamente. Extraordinariamente caíram os braços, levantou-se o crime, por demais hediondo e bárbaro, o roubo por demais sórdido, as contravenções de vária ordem, a extorsão escandalosa, o desentendimento, o egoísmo, a mentira, a aviltante corrupção, tudo devido à desenfreada liberdade.

As melhorias, que ainda se notam, são tão pequenas, tão simples...que comovem!

Só as Autarquias, por seguirem outras vias, nos mostram coisa que se veja!

Assim o 25 de Abril — de encantos mil — não é mais que um filho perdido que, por estar perdido, aumenta a pena de ser lembrado!

Zilda Candeias Varandas
Abril 1983

VERSOS TRADICIONAIS EM APONTAMENTO HISTÓRICO CANTAR ÀS ALMAS (NA QUARESMA)

As almas do Purgatório
Nos mandaram aqui vir
Que nos désseis vossa esmola
Para do fogo sair.

Já o Sacrário está aberto
Já o Senhor lá está dentro
Já podemos adorar
O Divino Sacramento

O Divino Sacramento
É um bem que nos lembremos
Nós havemos de morrer
Sabe Deus para onde iremos.

Iremos para a Glória?
P'ra o Purgatório penar?
Ó meu Deus, ó meu Senhor
Tanto me pesa o pesar.

Por não estar preparada
Para o ir acompanhar
Onde ele vai tão bonitinho
Tão perfeito como ele vai.

Onde ele vai tão doiradinho?
Ouro tão bem empregado?
Onde andou o bom Jesus
Nove meses consagrado?

(Ajoelham)

Ajoelhemos por terra
Já não somos os primeiros.
Deixem passar Jesus Cristo,
Jesus Cristo verdadeiro.

À porta das almas santas
Bate Deus a toda a hora
Dizem as almas benditas
Ó meu Deus que quereis agora!

Quero que deixais o mundo
Nós iremos para a Glória
Ó meu Deus, ó meu Senhor
Ó quem nela se lá vira.

Na companhia dos anjos
E mais da Virgem Maria
Bendita louvada seja
A Santíssima Trindade

Quem por nós veio ao mundo
Virgem Mãe da Piedade
Virgem Mãe da Piedade
A devoção nos obriga.

Rezemos às almas Santas,
Rezemos com alegria
Jesus Cristo verdadeiro
Vai na nossa companhia.

Acompanhado de dores
De contínuo padecendo
Assim são as almas santas
No Purgatório ardendo.

Pecador não adormeças
Na torpeza do pecado
Que podes amancebrecer
No inferno sepultado.

Quando isto me lembra
Ganho paixão e ternura
Somente em considerar
Breve irei p'ra sepultura.

E já os nossos parentes
Estão na eternidade
Chamando por nós viventes
Tenham de nós piedade.

Tenham de nós piedade
Tenham de nós compaixão
Nós estamos no Purgatório
Estamos na escuridão.

Vinde mulheres e meninos
Desse povo auditório
Dar esmola, se puderdes
Às almas do Purgatório

As almas do Purgatório
Não vos pedem as fazendas
Pedem só as migalhinhas
Que crescem das vossas mesa.

Esses bens que possuídes
Já na Terra foram nossos,
Agora já não nos valem
Senão vossos Padre-Nossos.

Já não nos vale o dinheiro
Nem pérolas das mais formosas
Valem só as esmolinhas
Das pessoas piedosas.

Das pessoas piedosas
Que pela Glória esperais,
Alcançais um grão de Graça
Quando delas vos lembrais.

Se ouvires tocar à Missa.
Deixa tudo e vai a ela
Nossa Senhora a ouvi-la
Jesus Cristo ao pé dela.

Quando dizem: Santos, Santos,
Desce Deus do Céu à Terra.
Ó almas pedi a Deus,
Também à Virgem Maria.

Que nos aceite estas passadas.
Quer de noite ou quer de dia
Para remédio das almas santas
Em vosso louvor serão.

Em vosso louvor será
Também da Virgem Maria
Pelas almas, Padre-Nosso,
Por elas Avé-Maria.

(Reza-se 1 Pai-Nosso

e 1 Avé-Maria)

Aqui estou à vossa porta
A cantar a oração
Ou nos venham dar a esmola
Ou de Deus venha o perdão.

Essa esmola que vós dais
Não pensais que a comemos
É p'ra missas, é p'ras almas
É devoção que nós temos.

Essa esmola que vós dais
Com que devoção a dais
Já lá tendes vossos filhos,
Vossas mães e vossos pais.

Essa esmola que vós dais
Se a dais com devoção
Na Terra terás o prémio,
Já na Glória a Salvação.

(recolha de
Maria Herlander Alves Barata)



VILAR — O lavandouro público e a agregação do lugar.